
Repensando a ideia de Brasil: o enfrentamento à tradição seletiva na cobertura do Brasil de Fato sobre o incêndio à estátua de Borba Gato¹

Lorena Carneiro Almeida ANDRADE²

Jussara Peixoto MAIA³

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, BA

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a cobertura do jornal Brasil de Fato sobre o incêndio à estátua de Borba Gato, que ocorreu em julho de 2021, e refletir os modos por meio dos quais o veículo opera para apresentar uma visão contra-hegemônica na sociedade. Partimos da análise de Jesús Martín-Barbero sobre o papel dos meios de comunicação na construção das identidades de nação na América Latina e dos conceitos de hegemonia e tradição seletiva desenvolvidos por Raymond Williams para entender os mecanismos de sedimentação de uma narrativa sobre nossa realidade. Nesse sentido, percebe-se que as escolhas políticas do Brasil de Fato fazem emergir tensões presentes na sociedade e buscam articular passado e presente para estimular uma reflexão crítica do leitor e apresentar novos modos de pensar e construir o Brasil.

Palavras-chave: tradição seletiva; hegemonia; nação; cobertura midiática

1. Introdução

O recente incêndio à estátua do bandeirante Borba Gato, realizado no dia 24 de julho deste ano em Santo Amaro, zona sul de São Paulo (SP), assumido pelo coletivo “Revolução Periférica” reabriu o debate sobre memória, ocupação dos espaços urbanos e narrativas históricas. De um lado, parte da sociedade apresenta uma visão mais conservadora que questiona a legitimidade da violação do patrimônio público com vistas a fazer um enfrentamento político e abrir um debate com a população; de outro, um olhar mais progressista levanta questões sobre como os espaços urbanos fazem emergir uma narrativa hegemônica da história que reforça os valores preconceituosos e

¹ Trabalho apresentado no GP América Latina, Mídias, Culturas e Tecnologias Digitais, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do PPGCOM da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, email: lorena.carneiro10@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do PPGCOM da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, email: jussaramaia@ufrb.edu.br

elitistas da sociedade, além de evidenciar a inércia política na discussão de projetos que propõem o debate sobre as homenagens inscritas em monumentos.

A cobertura midiática sobre o caso deu diferentes contornos à questão. Em comum, trazem à tona a reflexão sobre o papel do jornalismo em questionar a memória construída socialmente e como a comunicação contribui para sedimentar uma visão sobre nossa história e sobre nossa própria ideia de país. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar a cobertura do jornal Brasil de Fato, um veículo de linha editorial progressista e vinculado a movimentos populares, sobre o incêndio à estátua de Borba Gato. Esta reflexão examina como este veículo opera para fazer emergir um olhar contra-hegemônico sobre o caso e resgatar uma outra noção de Brasil.

Para isso, partimos da análise de Jesús Martín-Barbero sobre o modo como a comunicação na América Latina contribuiu com a construção de uma ideia de povo e nação. Segundo o antropólogo, os meios de comunicação em nosso continente tornaram-se porta-vozes de uma identidade nacional e fazem emergir um projeto específico de país que se tornou hegemônico em nosso território. A partir dessa compreensão, usamos o conceito de Raymond Williams, um dos principais expoentes dos Estudos Culturais, sobre tradição - especificamente a tradição seletiva - para analisar como a comunicação atua para evidenciar os valores, práticas e significados de uma determinada classe e, no caso da cobertura do Brasil de Fato, como o jornal opera para apresentar uma nova perspectiva para essa relação.

O que se percebe é que o jornal faz escolhas políticas por determinados recortes relacionados ao caso que fazem emergir sua linha editorial e que apontam de modo mais claro uma perspectiva contra-hegemônica na cobertura. A busca por historicizar os acontecimentos, articular passado e presente para evidenciar os tensionamentos sociais que estão presentes no conflito e a humanização dos sujeitos envolvidos na intervenção que gerou o incêndio são alguns dos caminhos percorridos pelo veículo para apresentar um olhar mais aprofundado sobre o tema. Desta forma, ao levantar questões sobre as motivações da ação e caracterizar os sujeitos que fazem parte do conflito, o veículo estimula um olhar crítico do leitor, uma reflexão sobre qual noção de Brasil está sedimentada em nossa história e argumenta em defesa de uma perspectiva que deveria ser recuperada.

2. Hegemonia, tradição e o papel da comunicação na América Latina

No Brasil e na América Latina, o desenvolvimento de uma cultura de massa e os meios de comunicação foram fundamentais na construção de uma narrativa sobre nação e de um desenho de identidade nacional. Passaram a cumprir o papel de porta-vozes do sentimento nacional de pertencimento e capilarizaram os valores culturais hegemônicos. De acordo com Canclini (2010), “o rádio e o cinema contribuíram na primeira metade deste século para organizar os relatos de identidade e o sentido de cidadania nas sociedades nacionais” (p. 129).

O processo de implantação dos meios de comunicação na América Latina se deu em duas etapas distintas: a primeira, na qual o papel decisivo dos meios residiu “em sua capacidade de apresentarem-se como porta-vozes da interpelação que a partir do populismo convertia as massas em povo e povo em Nação.” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 230); e uma segunda que se deu após os anos 60, a partir do esgotamento do populismo e o crescimento do desenvolvimentismo. É a partir daí que a ideologia se torna informadora de um discurso de massa, “que tem como função fazer os pobres sonharem os mesmos sonhos que os ricos” (MARTÍN-BARBERO, 2006. p.230).

Esse movimento protagonizado por determinados grupos empresariais no campo da comunicação de construir e firmar uma narrativa sobre nação e sobre uma definição do que é o povo brasileiro está relacionado a um modo de atuação específico de veículos da mídia hegemônica em nosso país. Raymond Williams partiu do conceito de Antonio Gramsci sobre hegemonia para analisar os modos pelos quais o hegemônico atua na cultura e sociedade. Segundo o galês (1979), hegemonia “é todo um conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo” (p.113). É um sistema constitutivo e constituidor de significados e valores “que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente” (p. 113). Essa definição também se alinha ao conceito definido por Stuart Hall (2016), que afirma que “a hegemonia é uma forma de poder baseada na liderança de um grupo em muitos campos de atividade de uma só vez, para que sua ascendência obrigue o consentimento generalizado e pareça natural e inevitável” (p. 193).

No Brasil, a atuação da mídia hegemônica tem, historicamente, cumprido um papel-chave enquanto agente político de simulação e desativação de tensionamentos na

sociedade, de modo a produzir uma homogeneidade. De acordo com Martín-Barbero (2006), é a partir dessa atuação que os meios emergem como atores essenciais na sedimentação de uma narrativa sobre Nação, povo e a identidade que os vincula que ratifica a lógica colonial de poder e subserviência.

O massivo passa a designar apenas os meios de homogeneização e controle das massas. A massificação será detectável mesmo onde não houver massas. E de mediadores, a seu modo, entre o Estado e as massas, entre o rural e o urbano, entre as tradições e a modernidade, os meios tenderão cada vez mais a constituírem-se no lugar da simulação e da desativação dessas relações. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 249)

Dessa forma, ao analisar a cobertura midiática em casos como o do incêndio de Borba Gato, se faz necessário compreender os mecanismos utilizados pela mídia hegemônica para invisibilizar os tensionamentos que fazem parte da ação e como isso faz emergir um tipo de narrativa sobre nossa história. A construção dessa narrativa se faz a partir da argumentação relacionada a escolhas políticas vinculadas a um projeto de poder de uma determinada classe e tornar claro esse processo é também um dos instrumentos para se desenvolver uma reflexão mais crítica sobre os modos de ver e fazer da comunicação.

2.1 A tradição seletiva como mecanismo da comunicação

Para compreender os processos através dos quais o hegemônico incorpora seus elementos numa cultura e ordem social, Williams examinou a relação da hegemonia em três aspectos dos processos culturais: as tradições, formações e instituições. Segundo o autor, a hegemonia é uma interligação de valores, práticas e significados que é incorporada numa cultura significativa e numa ordem social efetiva. E a tradição, por sua vez, é a expressão mais evidente das pressões e limites hegemônicos e dominantes (WILLIAMS, 1979, p. 118).

O que Williams nos alerta é que é necessário não apenas observar “uma” tradição, mas uma tradição seletiva. Uma versão que seleciona determinados aspectos de um passado e de um presente de modo a ratificar uma narrativa sobre ou na sociedade. Desse modo, a tradição seletiva pode operar na desativação de conflitos, na invisibilização de sujeitos e atores sociais e mesmo contribuir num revisionismo histórico que distorce os fatos de modo a fazê-los caber no discurso que se deseja.

O que temos, então, a dizer sobre qualquer tradição é que nesse sentido ela é um aspecto da organização social e cultural contemporânea, no interesse do domínio de uma classe específica. É uma versão do passado que se deve ligar ao presente e ratificá-lo. O que ela oferece na prática é um senso de continuidade predisposta. (WILLIAMS, 1979, p. 118)

No caso dos meios de comunicação hegemônicos, a tradição seletiva se expressa, dentre outras formas, no modo como os jornais constroem uma determinada agenda e, a partir dela, produzem um discurso marcado pela invisibilização das disputas sociais, do esvaziamento dos debates políticos e da descontextualização dos fatos, que contribuem para que as notícias interditem um debate mais amplo. Exemplo disso são as recentes notícias que naturalizam a alta do preço de alimentos básicos de consumo dos brasileiros, como o arroz e a carne. Ao invés de vincular esse fato ao contexto de empobrecimento da população e do retorno do país ao mapa da fome, muitos veículos naturalizaram a questão e produziram notícias baseadas nas alternativas alimentares possíveis a essa nova realidade.

O trabalho dos meios que assumem uma posição contra-hegemônica, por outro lado, é, segundo Williams (1979, p.119), exercer um papel histórico de recuperação das áreas rejeitadas ou a reformulação de interpretações seletivas e redutivas. No exemplo exposto, coube aos veículos alternativos conectar a atual situação de pauperização dos trabalhadores à situação vivida nos anos 90, auge do neoliberalismo do Brasil, e questionar os motivos pelos quais retornamos a esse cenário. Neste sentido, cabe a esses veículos conectar o presente e o passado de modo a permitir uma compreensão processual da história e evitar um olhar alienante sobre a nossa realidade, constituído por um presente sem nexos. Na mídia hegemônica, é suprimida a historicidade da experiência social de pobreza no Brasil e ocultada também uma comparação com a realidade de outros países capitalistas, em que o Estado atuou de modo mais vigoroso no investimento para combater o agravamento da pobreza.

3. O jornal Brasil de Fato como instrumento de comunicação nas disputas políticas no país

O Sistema Brasil de Fato de Comunicação é uma iniciativa de jornalismo lançada em 2003 no Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Com o slogan “Uma visão popular do Brasil e do mundo”, a iniciativa do Brasil de Fato surgiu de movimentos

populares que avaliaram a necessidade tanto de fazer a disputa de narrativas dentro da comunicação no Brasil, como também de “contribuir no debate de ideias e na análise dos fatos do ponto de vista da necessidade de mudanças sociais em nosso país” (BRASIL DE FATO, 2019). Esse projeto evidencia um esforço político de setores da esquerda para compreender o papel estratégico da comunicação na sociedade e da necessidade de se construir um veículo que faça a disputa de narrativas com os meios de comunicação hegemônicos.

Seganfredo (2016) afirma que o jornal nasceu no núcleo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, e que surgiu “a partir da necessidade, reconhecida dentro do MST, de um meio de comunicação próprio que dialogasse com a sociedade, disputando a hegemonia do discurso da grande mídia” (p.18). A apresentação do projeto editorial do jornal coloca para o público o papel político que esse novo meio de comunicação busca cumprir:

Na luta por uma sociedade justa e fraterna, a democratização dos meios de comunicação é fundamental. E é com essa concepção que o MST, em consonância com outros movimentos sociais, como a Via Campesina, a Consulta Popular, as pastorais sociais, criaram o jornal Brasil de Fato – um jornal político, de circulação nacional, para contribuir no debate de idéias e na análise dos fatos do ponto de vista da necessidade de mudanças sociais em nosso país. Portanto, o Brasil de Fato é o resultado das aspirações de milhares de lutadores de movimentos populares, intelectuais de esquerda, sindicatos, jornalistas e artistas que se uniram para formar uma ampla rede nacional e internacional de colaboradores. (Projeto editorial do jornal Brasil de Fato, 2002, apud MOURA, 2009, p.100)

Os objetivos do jornal demonstram a relação do Brasil de Fato com um discurso em torno de uma posição de movimentos sociais ligados à esquerda comprometida com a formação crítica, com o estímulo à organização social e às lutas populares. Nesse sentido, o jornal não busca apenas apresentar uma visão à esquerda da realidade, mas, também, ser instrumento para o engajamento político das pessoas. No projeto editorial, os objetivos elencados sobre o Brasil de Fato foram:

- 1.Elevar o nível de consciência política e cultural do povo; 2.Servir de subsídio para a militância social; 3.Estimular as lutas sociais, de massa; 4. Expressar uma visão transformadora (de esquerda) dos fatos e da realidade brasileira; 5.Ser plural nas ideias, mas balizado pelo compromisso de transformação social; 6.Incentivar o engajamento político organizado das pessoas; 7. Promover o debate de ideias na sociedade; 8.Promover a cultura popular brasileira; 9.Expressar a solidariedade internacional entre os povos; 10.Cultivar os valores socialistas e humanistas (Editorial do Brasil de Fato, 2002, apud MOURA, 2009, p. 103)

Por dez anos, o Brasil de Fato contou com um jornal impresso de circulação nacional e hoje caracteriza-se por uma rede formada por um site de notícias, radioagência, um programa de TV chamado Central do Brasil - produzido em parceria com a emissora TVT - redes sociais, além de edições impressas no formato tabloide produzidas e distribuídas em alguns estados a partir de 2013. Atualmente, cerca de 10 estados produzem seus próprios jornais, que trazem conteúdos gerais, mas focam na produção de notícias locais. O que está colocado é um esforço do Sistema Brasil de Fato de comunicação em se constituir como uma rede que, do ponto de vista político, consiga construir uma unidade no campo da esquerda para dar mais densidade ao projeto, e, do ponto de vista do público, se adapte a diferentes formatos e linguagens para alcançar o povo brasileiro em sua diversidade e particularidades regionais.

Diante disso, partimos do entendimento da importância da comunicação enquanto um campo de disputa por hegemonia e para a formação da memória coletiva que exerce, cotidianamente, a função de sedimentar ou questionar determinadas narrativas sobre nossa história. O que o Brasil de Fato pretende, nesse sentido, é ser um instrumento de comunicação que contribui para fazer emergir os tensionamentos da sociedade e apresentar com mais profundidade uma perspectiva dessas tensões que é distorcida ou pouco visibilizada pelos veículos hegemônicos. Assim, ao se colocar como um instrumento da luta política do nosso país, o jornal também se afirma como parte de um esforço coletivo para fazer emergir um projeto de sociedade e nação que ainda está em disputa.

3.1 A cobertura do Brasil de Fato sobre o incêndio à estátua de Borba Gato

O incêndio à estátua de Borba Gato ganhou relevância na imprensa sobretudo pelo contexto em que a ação se deu. Realizada no dia 24 de julho, um dos dias de manifestações nacionais contra o governo Bolsonaro, a intervenção - mesmo que não tenha feito parte da programação dos atos contra o presidente - se somou a uma ampla jornada de mobilização que teve importante cobertura dos veículos progressistas, mas que também foi pautada pela mídia tradicional. Na ação, membros do coletivo Revolução Periférica atearam fogo na estátua de Borba Gato com ajuda de pneus e

hastearam uma bandeira com a frase “Revolução Periférica - a favela vai descer e não será Carnaval”.

Outro fator central para a repercussão do fato nas semanas seguintes foi a prisão ilegal de pessoas acusadas de participar da ação. Dentre elas está Paulo Lima, conhecido como Galo - liderança política do coletivo Entregadores Antifascistas, que organiza trabalhadores que atuam como entregadores de aplicativo - cuja prisão foi considerada arbitrária. A atuação do Judiciário no caso acendeu o debate sobre o papel do Direito e a perseguição jurídica aos movimentos sociais.

Aém disso, um elemento que contribuiu na simbologia da ação é o crescimento ao redor do mundo de ações de derrubada de monumentos que homenageiam figuras opressoras, sobretudo aquelas que defenderam a escravidão. Esse tipo de ação, embora não seja algo novo na história, ganhou evidência novamente principalmente a partir dos protestos do movimento *Black Lives Matter*, nos Estados Unidos, cujas mobilizações tiveram grande força em 2020 após o assassinato de George Floyd por policiais. Em seguida, diversos outros lugares realizaram ações semelhantes. É o que aconteceu, por exemplo, em Richmond, também nos Estados Unidos, onde a população derrubou as estátuas de Cristóvão Colombo, apontado na história como o primeiro conquistador europeu a chegar à América, e de Jefferson Davis, militar americano que defendia a manutenção da escravidão no país. Já em Bristol, na Inglaterra, uma estátua de Edward Colston, traficante de escravos e membro do Parlamento britânico no século XVII, foi derrubada e jogada em um rio.

As ações contra a estátua de Borba Gato também não são novas. O monumento ao bandeirante, conhecido por ter feito fortuna no século XVIII ao caçar indígenas para escravizar, foi manchada de tinta em setembro de 2016 num ato em repúdio a sua figura, que também contou com uma intervenção no Monumento às Bandeiras, no Parque Ibirapuera, em São Paulo (SP). Tanto nessa ação quanto na que ocorreu em julho deste ano, o questionamento foi o mesmo: por que ainda homenageamos figuras que expressam nosso passado colonial, autoritário, racista e misógino?

Entre os dias 27 de julho e 10 de agosto de 2021, o site do jornal Brasil de Fato publicou cerca 25 matérias relacionadas ao incêndio do monumento e seus desdobramentos, dentre elas uma com tradução para o inglês. A cobertura se deu, de forma geral, em duas perspectivas: a de trazer os principais fatos acerca do tema, como

a atualização sobre a situação das pessoas presas ilegalmente por conta do incêndio; e uma linha de contextualizar o fato e usá-lo como gancho para evidenciar outros elementos políticos que compõem a questão. É nessa segunda perspectiva que entendemos que o jornal faz emergir com mais clareza sua linha editorial e confronta a perspectiva de tradição seletiva dos meios hegemônicos, pois a veiculação de determinadas matérias vão além da cobertura do factual - elas são escolhas políticas mais diretas do veículo.

É o caso, por exemplo, de matérias que buscam caracterizar com mais profundidade quem são os sujeitos e instituições que estão envolvidas na prisão de Paulo Lima, o Galo. Na matéria “Objetivo da prisão de Galo é criminalizar movimentos sociais, apontam advogados e juristas”, publicada dia 6 de agosto por Murilo Pajolla, é evidente o esforço do veículo em apontar que, independentemente da legalidade ou não do incêndio, a prisão dos acusados pela ação têm motivação que vai além do fato em si, pois teria relação com critérios ideológicos:

Enquanto jurista, Fernandes afirma não ser seu papel defender práticas ilegais e prefere não fazer juízo de valor sobre o incêndio à estátua. Mesmo assim, concorda que o tratamento dado a Galo pela Justiça paulista está baseado em critérios políticos, e não jurídicos. ‘A fundamentação disso tudo está de fato na criminalização dos movimentos sociais e do envolvimento no engajamento político, o que representa um resquício da falta de democratização do Poder Judiciário e da atuação política de determinados juízes que se utilizam da lei para impor uma forma de pensamento que não se compatibiliza com a Constituição de 1988’, finaliza. (BDF - 06/08/2021)

Já no texto “Elite de SP, que persegue Galo por fogo na estátua do Borba Gato, descende de bandeirantes”. também de Murilo Pajolla, percebe-se que o objetivo é não só caracterizar os diferentes polos do conflito - de um lado, uma elite branca e racista, e de outro, um trabalhador negro da periferia - como também historicizar esses embates. Esse tipo de abordagem opera de modo a confrontar o que a tradição seletiva faz com maior vigor: desativar os tensionamentos sociais e desarticular os processos históricos:

Assim como os altos membros da burocracia estatal, o sangue bandeirante está nas famílias de grandes empresários, latifundiárias e os barões do setor financeiro. Do outro lado da moeda, está o setor majoritário e mais pobre da população, que tem origem justamente nas vítimas dos desbravadores. (BDF - 06/08/21)

Em relação às vítimas das prisões arbitrárias do caso, a abordagem do jornal buscou humanizar os sujeitos e evidenciar seus vínculos com a sociedade. É uma lógica

diferente da escolhida pela mídia hegemônica, que, em geral, opta por caracterizar as pessoas presas como párias da sociedade, e não como indivíduos que foram retirados do seio social devido ao encarceramento.

Na matéria “Borba Gato: como a prisão de Biu impactou a vida de famílias vulneráveis da favela do Vietnã”, de Pedro Stropasolas, o foco é evidenciar a relação de uma das pessoas presas com sua comunidade e os impactos negativos da sua prisão para o coletivo. Ou seja: da mesma forma que a prisão não tem um cunho individual, mas reforça um percurso histórico de racismo e ódio aos pobres por uma elite dominante, seus impactos também são coletivos. Evidencia como as consequências fragilizam um tipo de organização comunitária que, historicamente, atua na resistência ao processo de criminalização de trabalhadores e pessoas negras. Enquanto a lógica hegemônica isola e individualiza os fatos, o esforço aqui é contextualizá-los e articulá-los de uma forma ampla para conectar o leitor com uma visão mais crítica do passado e do presente:

Biu é entregador de aplicativo, estudante de História e tem uma filha de 7 anos. Na favela do Vietnã, onde atua como líder comunitário, sua prisão já era sentida entre as famílias que vivem entre as vielas estreitas e em moradias precárias, sem saneamento básico. Com o descaso do governo federal no combate ao vírus e à fome, a solidariedade se tornou peça chave para o enfrentamento à pandemia no Vietnã. E Biu esteve à frente das ações. (BDF - 10/08/2021)

Por fim, para aprofundar o debate que o incêndio à estátua de Borba Gato buscou trazer, o Brasil de Fato também produziu conteúdos que analisam os porquês da manutenção de monumentos que fazem referência ao nosso passado colonial e escravocrata e qual narrativa eles sedimentam sobre a história. Essa é uma discussão que também tem sido levantada no espaço legislativo, motivada, inclusive, pela intervenção no monumento do bandeirante. No dia 30 de julho, por exemplo, cinco vereadores que integram a mandata coletiva do PSOL na Câmara de Vereadores de São Paulo (SP) apresentaram uma proposta de plebiscito municipal sobre a retirada da estátua de Borba Gato. Na matéria “O que fazer com a estátua de Borba Gato? Vereadores pedem plebiscito e participação popular”, de Murilo Pajolla, essa discussão é noticiada:

"A ideia é abrir um debate na sociedade sobre a manutenção ou não desses monumentos de pessoas que foram abertamente responsáveis por torturar, escravizar, violentar sexualmente mulheres e homens indígenas e negros", afirma Paula Nunes, advogada ativista do movimento negro e vereadora pela mandata coletiva. (BDF - 30/07/2021)

Outra linha de abordagem do jornal sobre a ocupação dos espaços urbanos é resgatar os processos históricos da nossa formação social e econômica e evidenciar seus resquícios na nossa sociedade. Uma das matérias resgatadas pelo jornal, “O que significa retirar estátuas de escravocratas do espaço público?”, de Caroline Oliveira, foi publicada em junho de 2020, no bojo das manifestações antirracistas que aconteceram nos Estados Unidos. Diante da intervenção na capital paulista, o texto voltou a se tornar atual porque problematiza as mesmas questões:

De acordo com Jardim, a formação de uma identidade nacional passa por escolhas de heróis, símbolos, hinos, histórias. No Brasil, não foi diferente. O conjunto das escolhas tentou representar a raça brasileira “como o melhor dos três mundos: o amor da natureza do indígena, a força para trabalhar do negro e a inteligência do branco”, afirma Jardim. Nesse sentido, “se começa exatamente a procurar quem foram as pessoas que lutaram de alguma forma para o Brasil ser Brasil. Se a lógica é que o negro só serve para trabalhar e o indígena só serve numa lógica idílica, o branco é o panorama da racionalidade de construção do país”. É assim que os monumentos de bandeirantes, tidos como a primeira “linha de sangue puro do nosso país”, se tornam alvos prioritários de ações de protesto contra o racismo estrutural. (BDF - 15/06/2020)

Dessa forma, o que a cobertura do jornal Brasil de Fato faz emergir é uma nova forma de se pensar e entender o Brasil. Uma forma que se contrapõe a um discurso hegemônico que seleciona determinados aspectos da história para sedimentar uma narrativa de desativação dos tensionamentos e contradições da sociedade e que preserva como heróica a memória daqueles que são os verdadeiros algozes da nossa história. O Brasil de Fato, por sua vez, opera no sentido de apontar esses conflitos, historicizar os fatos do presente e articulá-los com um processo coletivo. Ao evidenciar a história que a própria história não conta, o jornal nos estimula a pensar uma ideia de Brasil que ainda está às margens do que é socialmente destacado nos meios de comunicação hegemônicos, cuja atuação constitui o esvaziamento da complexidade da historicidade de nossas experiências sociais.

4. Conclusão

O incêndio à estátua de Borba Gato reacendeu o debate sobre os porquês de ainda homenagearmos figuras que representam nosso passado colonial e escravocrata, trouxe questões sobre a seletividade do Direito e a criminalização dos movimentos populares e, de modo geral, polarizou a opinião pública em dois sentidos: uma visão mais conservadora, que deslegitima a intervenção e suas motivações políticas, e uma mais progressista, que usou o fato como ponto de partida para um debate mais amplo sobre nossa história e como ela reflete na ocupação dos espaços públicos.

Para analisar a cobertura midiática desse fato, foi necessário resgatarmos o papel histórico que os meios de comunicação exerceram em nosso país. O que se percebe é que a mídia teve um papel central na construção de uma identidade de povo e nação não apenas no Brasil, como em toda a América Latina. No entanto, esse processo se deu de modo a desativar os tensionamentos sociais e apresentar uma visão homogênea da nossa história. Entendemos que essa construção se relaciona com o que Raymond Williams conceitua como tradição seletiva - um mecanismo que opera no sentido de selecionar determinados aspectos do passado e do presente de modo a ratificar a narrativa de uma classe dominante sobre a sociedade.

Nesse sentido, o papel dos meios de comunicação contra-hegemônicos é dar luz aos processos históricos que em geral são invisibilizados ou distorcidos e apresentar novas interpretações que fogem de um olhar reducionista da realidade e estimulam uma reflexão mais crítica sobre nosso passado e presente. Diante disso, o jornal Brasil de Fato, um veículo que assume um projeto editorial de esquerda e que está vinculado a movimentos populares, tem exercido na comunicação uma atuação nas lutas políticas do país e para evidenciar um projeto de nação e sociedade que está em disputa.

No caso da cobertura do incêndio da estátua e dos seus desdobramentos, o veículo fez escolhas políticas no sentido de contextualizar os fatos, articulá-los com um processo de lutas recentes e historicizar os sujeitos e instituições envolvidas na questão para evidenciar as tensões da sociedade que a intervenção do coletivo Revolução Periférica apenas fez emergir. Ao contrário da perspectiva que a mídia hegemônica costuma adotar, o veículo fez a cobertura do factual ao passo que aproveitou os ganchos

da questão para trazer elementos mais profundos que, em essência, são fruto dos conflitos de classe em nosso território.

Nesse sentido, repensar a noção de Brasil, para o jornal Brasil de Fato, significa fazer emergir uma memória de lutas, conflitos e resistência que são parte da construção de nosso país. Conectar passado e presente e apresentar uma olhar crítico sobre a realidade é um dos modos a partir dos quais o veículo opera para estimular a reflexão da sociedade e apresentar um novo projeto de e para o Brasil. Um projeto que visibiliza não a ideia de sociedade daqueles que sustentam a legitimidade de estátuas de escravocratas, mas a experiência da vida precarizada daqueles que as derrubam.

Referências

BRASIL DE FATO. **Quem Somos.** Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/quem-somos/>> Acesso em 12 jun 2019

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** 8 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia.** 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MOURA, Ana Maria Straube de Assis. **Brasil de Fato: Trajetórias, contradições e perspectivas de um jornal popular alternativo.** Dissertação (mestrado) - Universidade Metodista de São Paulo, 2009

OLIVEIRA, Caroline. **O que significa retirar estátuas de escravocratas do espaço público?** Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/15/o-que-significa-retirar-estatuas-de-escravocratas-do-espaco-publico> Acesso em 12 ago 2021

PAJOLLA, Murilo. **Objetivo da prisão de Galo é criminalizar movimentos sociais, apontam advogados e juristas.** Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/06/objetivo-da-prisao-de-galo-e-criminalizar-movimentos-sociais-apontam-advogados-e-juristas> Acesso em 12 ago 2021

_____. **Elite de SP, que persegue Galo por fogo na estátua de Borba Gato, descende de Bandeirantes.** Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/06/elite-de-sp-que-persegue-galo-por-fogo-na-estatuado-borba-gato-descende-de-bandeirantes> Acesso em 12 ago 2021

_____. **“O que fazer com a estátua de Borba Gato? Coveradores pedem plebiscito e participação popular”.** Disponível em

<https://www.brasildefato.com.br/2021/07/30/o-que-fazer-com-a-estatua-do-borba-gato-covereadoras-pedem-plebiscito-e-participacao-popular> Acesso em 12 ago 2021

SEGANFREDO, Thais. **Uma outra cultura é possível:** o jornalismo cultural alternativo do Brasil de Fato. Monografia (graduação) - Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016

STROPASOLAS, Pedro. **Borba Gato: como a prisão de Biu impactou a vida de famílias vulneráveis da favela do Vietnã.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/10/borba-gato-como-a-prisao-de-biu-impactou-a-vida-de-familias-vulneraveis-da-favela-do-vietna> Acesso em 12 ago 2021

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979